



## MULHERES FRONTEIRIÇAS: UM OLHAR A PARTIR DE TRABALHADORAS DE CIUDAD DEL ESTE E FOZ DO IGUAÇU

Luiz Felipe Rodrigues

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Dalila Tavares Garcia

Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA

384

**Resumo:** Este trabalho discute a mobilidade de trabalhadoras que utilizam a fronteira como estratégia de sobrevivência nas cidades de *Ciudad del Este* - Paraguai e Foz do Iguaçu - Brasil. Para a discussão, colocaremos observações e resultados de entrevistas que realizamos durante pesquisas de campo com mulheres que trabalham como vendedoras ambulantes e com mulheres que são proprietárias de *almacenes* (pequenas mercearias) no Paraguai. Essas mulheres atravessam os limites nacionais para realizarem suas compras e suas vendas, uma vez que, as diferenças de câmbio, a variedade de produtos, e outros elementos que encontram nos países vizinhos, permitem maior rendimento e maior dinamicidade aos seus negócios. Nesse sentido, o objetivo é refletir a importância da fronteira para a manutenção dessas mulheres e de como seus trabalhos e mobilidades possibilitam a construção de suas identidades, sociabilidades, convivência familiar, e experiência urbana.

**Palavras-chave:** Mulheres; Fronteira; Trabalho; Mobilidade.

**Resumen:** Este trabajo discute la movilidad de trabajadoras que utilizan la frontera como estrategia de sobrevivencia en las ciudades de Ciudad del Este Paraguay y Foz do Iguaçu – Brasil. Para la discusión, pondremos observaciones y resultados de entrevistas que realizamos durante pesquisas de campo con mujeres que trabajan como vendedoras ambulantes y con mujeres que son propietarias de almacenes en Paraguay. Esas mujeres atraviesan los limites nacionales para realizar sus compras y sus ventas, una vez que, las diferencias de cambio, la variedad de productos, y otros elementos que encuentran en los países vecinos, permiten mayor rendimiento y mayor dinamicidad a sus negocios. En ese sentido, el objetivo es reflexionar sobre la importancia de la frontera para la manutención de esas mujeres y de cómo sus trabajos y movilidades posibilitan la construcción de sus identidades, sociabilidades, convivencia familiar, y experiencia urbana.

**Palabras-clave:** Mujeres; Frontera; Trabajo; Movilidad.

### Introdução



As mobilidades transfronteiriças são importantes para a sobrevivência de vendedoras ambulantes e donas de armazéns nas cidades fronteiriças de *Ciudad del Este* (Paraguai) e Foz do Iguaçu (Brasil). A partir da apropriação do espaço de fronteira, essas mulheres aproveitam as diferenças existentes entre os países para fazerem negócios. É com esses trabalhos, que se dinamizam ao atravessar a fronteira, que essas mulheres garantem a manutenção de si mesmas e de suas famílias. Entendemos que essa manutenção vai além de uma dimensão econômica, pois envolve a construção de suas identidades, sociabilidades, convívio familiar e experiência urbana.

Este estudo foi construído a partir do diálogo entre dois trabalhos de conclusão de curso: um titulado “Olha o alho” A fronteira nos passos do sujeito que analisou a produção da fronteira nas cidades de *Ciudad del Este*, Foz do Iguaçu e *Puerto Iguazú* a partir das trajetórias de vendedoras e vendedores ambulantes de nacionalidade paraguaia (RODRIGUES, 2016), e outro titulado “*Armazéns paraguaios: interações espaciais e relações de sociabilidade*” que estudou as relações socioespaciais desempenhadas por proprietárias e proprietários de armazéns em *Ciudad del Este* (GARCIA, 2016). A ideia de criar um diálogo a partir das mulheres se deu pelo fato que a maior parte das pessoas entrevistadas que trabalhavam como ambulantes eram do sexo feminino, e a maior parte das pessoas proprietárias de armazéns também. Ainda que sejam ocupações distintas, são muito parecidas: ambas se dinamizam por atravessar a fronteira, ambas permitem maior rendimento e flexibilidade de horário, e ambas são conciliadas com atividades domésticas.

Os relatos e observações de trabalho de campo que utilizamos para este artigo são oriundos de nossos trabalhos de conclusão de curso anteriormente citados. As entrevistas foram feitas durante o ano de 2016 com oito vendedoras ambulantes e sete proprietárias de *armazéns*. Algumas perguntas foram feitas para nortear o diálogo e de modo que as entrevistadas se sentissem a vontade para falarem de seus trabalhos, de suas histórias e de suas vidas. Nossos encontros com



essas mulheres foram realizados enquanto estas estavam em seus trabalhos, o que nos permitiu observar parte de suas jornadas e interações.

386

## A fronteira em movimento

*Ciudad del Este* e Foz do Iguaçu, juntamente com *Puerto Iguazú* na Argentina e demais cidades lindeiras, conformam um aglomerado urbano de aproximadamente 1,3 milhões de habitantes (RODRIGUES, 2016, p. 45). Essas cidades se relacionam por uma série de interdependências e complementaridades que acarretam na circulação de pessoas e capitais, conformando um espaço econômico interdependente, e por isso, esse conjunto de cidades que se distribuem sobre o limite internacional pode ser considerado um aglomerado urbano transfronteiriço (CARNEIRO, 2016). Nessa conjuntura, o limite é tornado uma estratégia cotidiana das populações fronteiriças (FOUCHER, 2009).

As diferenças de preços, de mercadorias, de serviços e de câmbio monetário entre os diferentes países são alguns dos elementos que justificam a vantagem de fazer negócios atravessando a fronteira. Disso, desprendem-se uma variedade de práticas e interações realizadas por diferentes sujeitos pautadas na concorrência e na complementaridade, o que faz da fronteira uma verdadeira zona de contato (MOURA; CARDOSO, 2016). Esses fluxos transfronteiriços são dependentes da existência do limite internacional, e sua dinamicidade se dá pelas assimetrias e diferenças entre os diferentes lados da fronteira (STEIMAN; MACHADO, 2002). É nessa dinâmica socioespacial, dada por um conjunto de interações onde diversos sujeitos de ambos os lados da fronteira atravessam os limites estabelecidos, que a fronteira é incorporada nas práticas cotidianas de variadas formas (CARNEIRO, 2016).

Esses movimentos de um lado ao outro da fronteira se dão por diversas razões, sobretudo, por razões de trabalho, estudo e consumo de bens e serviços, o que implica em trocas variadas envolvendo cultura, hábitos e valores (MOURA;



CARDOSO, 2016, p. 217-218). Essas relações demonstram a fronteira em movimento e são marcadas pela coexistência de fatores de integração e desintegração (ALBUQUERQUE, 2010), o que envolve passagens e bloqueios, diálogos e preconceitos. Segundo Albuquerque (2010), a fronteira tem um sentido ambíguo, pois ora representa os limites das soberanias estatais, ora representa uma zona de hibridismo, e nisso, o autor aponta que as fronteiras são espaços de poder, são fluxos e também obstáculos.

387

### **Mulheres e trabalho: alternativas femininas no espaço doméstico e na informalidade**

Silva (2007), em sua pesquisa com mulheres em Ponta Grossa – Paraná, verifica que vem crescendo nos últimos anos o número de domicílios chefiados por mulheres e sua relação com a pobreza. De acordo com a autora, a produção da cidade parte de uma concepção masculina, que ao fragmentar áreas comerciais, industriais, e residenciais, além de fortalecer uma divisão sexual do trabalho e a dominação masculina, aprisiona as mulheres e as submete a uma série de constrangimentos. Nisso, é importante constatar que a maior parte dos problemas dessas mulheres tem sido resolvida mais pelas redes de solidariedade do que pelos serviços públicos (SILVA, 2007, p. 127-128). Assim, entendemos que “o espaço cotidiano também se constitui de emoções e afetos que determinam, em grande parte, as redes de solidariedade e também as ações cotidianas que reforçam os núcleos significativos das ações, crenças e relações” (SILVA, 2007, p. 128).

Nas cidades de fronteira aqui tratadas, ao conversarmos com trabalhadoras ambulantes e trabalhadoras proprietárias de *almacenes*, constatamos que a maior parte dessas mulheres são provenientes das camadas mais pobres da população. Trabalhar na rua ou construir um espaço de negócio em suas próprias casas permitem que essas mulheres conciliem suas atividades, pois, o trabalho formal não considera suas existências e suas dificuldades enquanto mulheres. Nas vagas



empregatícias, por exemplo, mulheres são colocadas em desvantagem por serem ou virem a ser mães – pois na concepção da sociedade machista, o papel de cuidar dos filhos é atribuído às mães. Enquanto mulheres, muitas delas se veem obrigadas a realizar os afazeres domésticos, o que lhes confere dupla, e até tripla jornada de trabalho.

As vendedoras ambulantes e as proprietárias de *almacenes* são exemplos de alternativas cotidianas femininas para driblar tais dificuldades. Ambas as atividades permitem que elas façam seus próprios horários e adquiram uma renda muitas vezes superior à renda que teriam estando em algum trabalho formal. Outro fator positivo é que, muitas delas, fazem os seus próprios negócios e conseguem autonomia adquirindo seu próprio dinheiro. Ao fazerem seus próprios negócios, se movimentam, interagem com outras pessoas e conhecem uma variedade de coisas. No caso da fronteira, conhecem outros países, outras culturas, outras cidades e outras alteridades. Tais interações talvez não fossem possíveis se essas mulheres fossem obrigadas a permanecer encarceradas em suas casas a mando de seus esposos, o que acontece com muitas mulheres. Estar em movimento, pode significar a realização do direito de ir-e-vir e interagir, o que pode ser um fator de empoderamento para as mulheres.

Isso não significa, porém, que os problemas tenham se resolvido. Queremos destacar a importância das mobilidades e das interações que essas mulheres adquirem em seus trabalhos alternativos. Trabalhos que acabam se tornando parte de suas existências por abrigarem memórias, afetos e relações com pessoas e com os lugares. No entanto, entendemos que a exploração permanece por parte de seus esposos ou ex-cônjuges, pois ainda é atribuído às mulheres o papel de cuidar dos filhos e da casa, sem contar os assédios e violências que estão sujeitas a sofrer nos espaços públicos e em seus próprios lares. Outro problema é que, inseridas na informalidade, essas mulheres muitas vezes se encontram impossibilitadas de terem seus direitos trabalhistas garantidos.



Nessas perspectivas, revela-se a inexistência de políticas voltadas à existência dessas mulheres. Mulheres da informalidade, da fronteira. É emergente a discussão de políticas que garantam seus direitos enquanto cidadãs.

389

### MULHERES AMBULANTES: TRAVESSIAS E SOBREVIVÊNCIAS

Ana, Elena, Francisca, Julieta, Maria, Mercedes, Ramona e Thalía são vendedoras ambulantes paraguaias que atravessam diariamente a fronteira Paraguai-Brasil para venderem alho no território brasileiro. Esses nomes são fictícios para manter o anonimato dessas mulheres que driblam fiscalizações, preconceitos e demais dificuldades para sobreviverem. São mulheres fronteiriças que vivem de cruzar a fronteira, e por saberem contornar os limites, são portadoras de “competências circulatórias” de acordo com Telles (2010, p. 176).

Na rua, elas ocupam espaços marginais da cidade e por isso são sujeitas à vulnerabilidades. Algumas delas já foram vítimas de repressão policial e de fiscalização. Já tiveram mercadorias apreendidas, e certamente, já passaram por momentos de negociação nessas situações. Com o tempo, essas mulheres aprendem em que horários e em que espaços podem trabalhar (RODRIGUES, 2016). São trabalhos construídos a partir de regras não ditas do cotidiano e da sociabilidade que conseguem contornar a repressão por serem inesperados e imprevisíveis para os agentes dominantes, e por isso, são apropriações realizadas a partir de um conhecimento vivido da cidade, por saberes populares adquiridos pela experiência (RIBEIRO, 2009, p. 154).

Para se movimentarem do Paraguai ao Brasil e vice-versa, essas mulheres se locomovem de ônibus, de táxis, transportes alternativos (como por exemplo, as ‘piruas’), e também de bote pelo rio Paraná, onde pagam passagem para o canoeiro ou ‘*pasero*’ que vive de passar pessoas e coisas de um lado ao outro da fronteira. Algumas trabalham como ambulantes há anos, e outras há pouco tempo. Algumas delas convidadas por amigas que começaram a trabalhar e falam que ganham bem.



Outras porque trabalhar como ambulante permite maior flexibilidade de horário, o que permite fazer almoço para os filhos e fazer atividades domésticas. Também porque rende mais do que trabalhar como funcionária de outra pessoa. E há aquelas que optam por trabalhar como ambulante pelo fato de que não são aceitas nos trabalhos 'formais' por terem filhos, por serem humildes, por não terem estudos ou por serem idosas (RODRIGUES, 2016). Enfim, o trabalho ambulante é uma alternativa de sobrevivência para essas mulheres, pois permite suas existências enquanto trabalhadoras, mães, donas de casa, idosas, entre outras.

390

**Imagem 1** - Vendedora ambulante idosa se deslocando à um bairro de Foz do Iguaçu para vender seus produtos



Fonte: Registro nosso, 2016.

Muitas das ambulantes que conversamos ou que encontramos pelas ruas da fronteira, trabalham acompanhadas de seus filhos, esposos, e outros familiares. Outras deixam seus filhos com alguma vizinha. Umas trabalham em pontos fixos em esquinas e sinaleiros e outras trabalham caminhando pelas ruas do centro da

cidade e de alguns bairros. As trocas sempre estão presentes em seus trajetos: conversas com clientes e outras ambulantes, troca de favores entre as ambulantes como uma ‘cuidar do ponto’ da outra quando esta precisa sair para ir ao banheiro ou quando uma precisa de troco e não tem, trocar alho por marmitta em algum restaurante para almoçar, e até trocar palavras do “evangelho” com clientes da mesma religião (RODRIGUES, 2016).

391

**Imagem 2** - Vendedoras ambulantes, uma com seu filho, em Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

Como podemos ver, por trás do trabalho dessas ambulantes se revela um mundo social construído por sociabilidades, solidariedades, e diríamos até, por redes sócio-laborais, que seriam as redes sociais que permitem a realização dos trabalhos e das mobilidades dessas mulheres, como por exemplo, os sujeitos que trabalham com o transporte delas e de suas mercadorias ou as vizinhas que cuidam



de seus filhos ou as convidam para trabalhar. Essa rede de solidariedade formada por elas, que compartilham dos mesmos problemas, dificuldades e também de suas alegrias, é o que as ajuda a seguir em frente, sem essa união talvez esses trabalhos não seriam possíveis, ou seriam muito dificultados. O trabalho, nesse sentido, aparece como um importante conector com o mundo social (TELLES, 2006).

Algumas dessas mulheres trabalham desde crianças acompanhadas à suas mães que também eram vendedoras ambulantes. Uma delas, de 48 anos, nos contou que trabalha desde os sete anos de idade, quando acompanhava sua mãe que vendia frutas e mandioca. Sua mãe faleceu, mas ela continua ali vendendo as coisas que traz do Paraguai, no mesmo cantinho que sua mãe vendia. Esse cantinho não é simplesmente o seu lugar de trabalho, é também um lugar de memória e identidade para ela, dotado de significado, pois foi ali que passou boa parte de sua vida, convivendo e aprendendo com sua mãe (RODRIGUES, 2016).

Uma das vendedoras relatou que enquanto anda pelas ruas vendendo o alho, ela escuta e canta as músicas de sua igreja, da qual ela faz parte do coral. Nessa igreja, os pastores são brasileiros, e com eles ela aprendeu a comer arroz e feijão. Muitas dessas mulheres trabalhadoras relataram que vendem alho no Brasil porque os brasileiros gostam muito de usá-lo na culinária. Com isso, verificamos que há também uma troca cultural, onde cada sujeito apreende e incorpora algo do país estrangeiro. O fato de essas vendedoras estarem nas ruas oferecendo seus produtos em português também demonstra a presença da alteridade. É assim que a fronteira se reproduz simbolicamente (RODRIGUES, 2016). E se entendemos que as identidades são abertas e relacionais (ALBUQUERQUE, 2010), podemos perceber que a experiência urbana e social dada pelas relações de trabalho atua na construção identitária dessas mulheres, que é, sobretudo, uma construção transfronteiriça.

Ao conversarmos com uma ambulante de 53 anos, no centro de Foz do Iguaçu, ela afirma que trabalhar por conta própria, garante horários de trabalhos flexíveis e que isso é muito importante para ela, já que um de seus filhos tem sérios problemas de saúde e por vezes precisa ficar internado por períodos de uma



semana, e ela tem que acompanhá-lo. Nos diz ainda que se não fosse o trabalho informal, ela estaria desempregada já que nenhum patrão aceitaria que ela faltasse no trabalho por uma semana. Ela vende salgadinhos de pacote industrializados e também alguns doces que ela mesma faz na cozinha de sua casa. Os doces são feitos de manhã, junto com o almoço, que ela faz sozinha. O marido desempregado que atualmente está desempregado não faz os serviços domésticos, e tampouco cuida do filho quando esse necessita de cuidados. Ela deixa todos os serviços de casa prontos de sair para a sua segunda jornada de trabalho, que é vender os doces e demais alimentos. Essa rotina dela, expressar as dificuldades que a mulher enfrenta ao encarregar-se de diversos trabalhos como o cuidar da casa, dos filhos e ainda garantir o sustento da família.

**Imagem 3** – Vendedora ambulante de alho e frutas em um sinaleiro na área central da cidade de Foz do Iguaçu



Fonte: Registro nosso, 2016.

### **Almacenes de mulheres no Paraguai: almas femininas no negócio**



Os *almacenes* são pequenos estabelecimentos que funcionam em extensões das casas, e comercializam uma série de produtos destinados ao uso pessoal. A maioria desses comércios são administrados por mulheres. As donas de *almacenes* têm como uma de suas estratégias comprar produtos para revenda. Elas buscam os produtos mais baratos nas diferentes cidades da fronteira, e os que geram mais lucros são os preferidos. Produtos que vão além de alimentos, entre eles, roupas, artigos de higiene e beleza, material escolar, entre outros. Durante as visitas nos *almacenes*, percebemos que não comercializam bebidas alcoólicas e cigarros. Essas mulheres não são apenas trabalhadoras são também mães, donas de casa, esposas, e estudantes, e dependem desse lucro para sua sobrevivência e também de suas famílias (GARCIA, 2016).

Por serem estabelecimentos construídos como extensões das casas, ter um *almacen* possibilita que essas mulheres consigam simultaneamente garantir renda, cuidar dos filhos e realizar atividades domésticas, o que foi observado em trabalho de campo e também afirmado por proprietárias que entrevistamos. A maior parte deles possuem grades em suas entradas. Quando algum(a) cliente chega, bate palma ou grita o nome das proprietárias. Estas deixam as atividades domésticas que estão realizando e vão atender as/os clientes que pedem os produtos que desejam, e então as mulheres buscam os produtos e levam até as mãos das/os clientes pelas grades. Grande parte da clientela é constituída pela vizinhança, o que possibilita que se venda fiado, e que também se criem relações de sociabilidade (GARCIA, 2016).

**Imagem 3** - *Almacen* com as grades por onde ocorre a relação entre cliente e comerciante



Fonte: Registro nosso, 2016.

A partir das estratégias realizadas pelas proprietárias dos *almacenes* aciona-se também uma série de outras atividades que constituem uma rede de relações sociais que se dão em um contexto transfronteiriço para possibilitar o fluxo de mercadorias, e garantir um melhor preço para serem (re)vendidas. Porém, os *almacenes* são cada vez mais ameaçados por grandes redes de lojas e empresas se instalam e que conseguem vender as mercadorias à menor custo devido à detenção de maior capital, e também por questões burocráticas quando atravessam a fronteira com certos tipos de produtos que são proibidos para a comercialização e acabam sendo apreendidos pela fiscalização. Nisso, criam-se relações comerciais, e acima de tudo, socioespaciais, que são solidárias, e que se aproveitam da condição de fronteira, para criarem estratégias de sobrevivência de seus negócios, por meio de cotações monetárias distintas, e passagens clandestinas de produtos (GARCIA, 2016).



## Considerações finais

O que a experiência e a trajetória dessas mulheres nos mostra? Certamente, mostra as contradições existentes na sociedade, onde a mulher, além de trabalhar fora de casa, se vê obrigada de realizar sozinha os afazeres domésticos e os cuidados dos filhos. Como vendedoras ambulantes ou proprietárias de *almacenes*, essas mulheres encontram a flexibilidade que precisam para conseguirem conciliar suas existências, já que o trabalho formalizado não admite essa flexibilidade, e desse modo, não atende as necessidades dessas mulheres. Os trabalhos de rua são ocupados, sobretudo, por mulheres pobres, idosas e sem estudo – que o trabalho formal também não admite.

Na fronteira, o limite internacional se torna uma estratégia cotidiana na prática dessas mulheres, que aproveitam as diferenças entre os lados da fronteira para dinamizarem os seus negócios. Essas práticas se constroem por redes sociais complexas que articulam os espaços que essas mulheres precisam para se apropriar da fronteira. E é por meio dessa apropriação, contornando limites, que essas mulheres garantem suas sobrevivências e constroem suas identidades enquanto mulheres fronteiriças.

Trabalhar na rua, movimentando-se, permite que essas mulheres possam conviver com seus filhos e com outros familiares, conversar com outras pessoas, construir amizades, sair de casa para desvendar a cidade, cantar na rua, enfim, abrem-se uma série de possibilidades. A convivência com a cidade e com as pessoas e informações que estão nela, pode de certa forma, servir como meio de empoderamento para essas mulheres, que ao trabalharem garantem certa independência e adquirem aprendizados na relação com os outros e com diferentes lugares. Nesse sentido, buscamos salientar a importância das mobilidades, do ir-e- vir, e, sobretudo, das interações que se desencadeiam desse movimento.

Por fim, a cotidianidade feminina das mulheres fronteiriças pode também servir para potencializar a construção de políticas públicas de trabalho, saúde,



educação, lazer, entre outras, que considerem a mobilidade e as condições das populações de fronteira, sobretudo, das mulheres das camadas mais pobres. No entanto, a existência de tais políticas integradoras, que são inexistentes, clama a emergência de um diálogo entre os diferentes países da região.

397

## Referências

ALBUQUERQUE, José L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.** São Paulo: Annablume, 2010.

CARNEIRO, Camilo Pereira. **Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata.** Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.

FOUCHER, Michel. Introdução: a arte dos limites. In:\_\_\_\_\_. **Obsessão por fronteiras.** São Paulo: Radical Livros, p. 9-27, 2009.

GARCIA, Dalila Tavares. **Almacenes paraguaios: interações espaciais e relações de sociabilidade.** Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Geografia (Bacharelado). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson Ari. Mobilidade transfronteiriça: entre o diverso e o efêmero. **Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano – Renato Balbim; Cleandro Krause; Clarisse Cunha Linke (Org.).** Brasília: IPEA: ITDP, p. 205-222, 2016.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **“Olha o alho!” A cidade de fronteira nos passos do sujeito.** Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia (Bacharelado). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, v. 22, n. 44, p. 117-134, 2007.

STEIMAN, Rebeca; MACHADO, Lia Osório. Limites e fronteiras internacionais: uma discussão histórico-geográfica. **Terra Limitanea: Atlas da Fronteira Continental do Brasil.** Rio de Janeiro: Grupo RETIS/CNPq/UFRJ, 2002.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo social**, v. 18, n. 1, p. 173-195, 2006.



TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.